

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

MARINA OLIVEIRA DE ALMEIDA

**A VÁRZEA PAULISTANA SAI DE CAMPO?
O CASO DO E.C. SAMPAIO MOREIRA**

**GUARULHOS
2013**

MARINA OLIVEIRA DE ALMEIDA

**A VÁRZEA PAULISTANA SAI DE CAMPO?
O CASO DO E.C. SAMPAIO MOREIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel/Licenciado em História
Orientação: Fábio Franzini

**GUARULHOS
2013**

Almeida, Marina Oliveira de.

A várzea paulistana sai de campo? O caso do E.C. Sampaio Moreira/
Marina Oliveira de Almeida. – 2013.
541 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado/Licenciatura em
História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.
Orientação: Fábio Franzini.

1. Futebol de várzea. 2. Amadorismo. 3. São Paulo.
I. Fábio Franzini.

MARINA OLIVEIRA DE ALMEIDA
A VÁRZEA PAULISTANA SAI DE CAMPO?
O CASO DO E.C. SAMPAIO MOREIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentada à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel/Licenciado em História

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr.
Instituição

Prof. Dr.
Instituição

À minha mãe, Maria Célia.
Ao meu pai, José Benedito, por cultivar o
amor por futebol desde sempre.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Fábio Franzini, que esteve comigo ao longo desse trabalho, que apesar de tudo, confiou e foi paciente. E mais do que isso, me permitiu estudar algo que realmente eu quis e que me proporcionou muita satisfação.

Agradeço ao Esporte Clube Sampaio Moreira, por me permitir adentrar o clube e utilizar as mais variadas fontes lá disponíveis. E agradeço, principalmente, ao seu Alcides, secretário do clube, por me atender sempre com muita atenção, me entregar os documentos necessários e me contar uma série de histórias da várzea que deixavam minhas noites de pesquisa muito mais divertidas e leves.

Agradeço aos amigos do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Futebol (GIEF), que fizeram uma leitura atenta e carinhosa de partes desse texto e contribuíram muito para o andamento do trabalho. Além da leitura, agradeço pelo acolhimento que o grupo me deu desde a minha entrada, pelas leituras que me permitiram outras visões sobre o futebol e pelas mais variadas experiências vividas nos estudos sobre o esporte. Ao Victor de Leonardo Figols, pela leitura atenciosa, por compartilhar textos e leituras ao longo da graduação, além de problemas e conquistas dentro da universidade.

Agradeço aos amigos que fiz na faculdade, que me ajudaram a experimentar o período da graduação de forma confortável e prazerosa, Erik Brotto, Mauro Tanaka, Rodrigo Gomes de Souza, Eric Profitti e Diego Amaral, quero levá-los para sempre comigo. O carinho que nutri por vocês todos esses anos significou muito.

Aos amigos que me ajudaram a vivenciar a faculdade além dos muros que nos cercam, que me permitiram enxergar que é preciso lutar sempre, e alçar novos vãos que signifiquem mais do que só estar aqui por si. Thomaz Barbeiro, Elson Luiz, Daniela Nascimento, Carlos Malagutti, Alexei Bóris, Rebeca Taveira, obrigada por me ajudarem muito mais do que imaginam, vejo o mundo de uma forma bem diferente depois de nossa convivência, vocês me deram dias de mais perspectiva diante de uma descrença que se alarga por aí.

À irmã que não tive, mas que ganhei nesse período e que levarei para a vida toda, Paula Franco, e que como toda boa irmã esteve presente, brigou, me animou e me pôs por frente quando foi necessário.

Às meninas que moraram comigo ao longo desse período e me ajudaram a suportar todas as crises e coisas boas que a faculdade me trouxe, Alice Pace, Danielle Regina, Mariana Nunes e Luiza Sassi.

Às amigas que sempre estiveram ai, desde a adolescência, e ouviram todos os prantos e risos causados nesses anos, Bárbara Passos Alvim, Maiara Costa Tissi e Bruna Rezende, muito obrigada, vocês são um grande presente para mim. À melhor amiga da vida, Aline Marques, por tudo, por e para sempre.

À minha família, minhas tias que do seu modo sempre apoiaram e estiveram presentes, à minha avó que sempre se preocupou e sempre esteve aqui. Ao meu tio Edmundo (*in memoriam*), que mesmo não estando aqui se fez presente e que nutriu em mim, desde pequena, o gosto pelo futebol, mais do que o gosto, o amor a esse esporte.

À minha mãe, por ser muito mais do que conseguiu a vida toda, por todo o apoio que precisei, por todas as broncas, por todos os choros e risos, por todo o amor possível, e por não permitir que eu desistisse nunca. Ao meu pai, por toda a vida, por toda a honestidade e inocência contidas em um só alguém de uma forma muito bonita, e pelo amor demonstrado da sua forma em todos os momentos, e também pelo Corinthians, por todo o amor designado ao clube e ao esporte, pelas conversas incríveis sobre suas vivências futebolísticas e pelos jogos assistidos juntos, que me deram gosto para estudar o futebol. Amo os dois, por serem parte de mim, por ser parte de vocês.

“– Como a senhora explicaria a um menino o que é felicidade?

– Não explicaria – respondeu. – Daria uma bola para que jogasse.”

(Pergunta feita por um jornalista à teóloga
Dorothee Solle)

RESUMO

Este trabalho pretende estudar as relações de um clube de várzea, o Esporte Clube Sampaio Moreira, entre os anos de 1929 até o final da década de 1940. As relações do clube com o bairro e a comunidade que o cercam, as relações com o futebol profissional, e também como o clube constrói sua memória. As fontes utilizadas para observar como se dão essas relações são um livro de “recordações do E.C. Sampaio Moreira” – composto de recortes de jornais e panfletos, que vão desde 1930 até 1954 – cartas trocadas entre os clubes da várzea e trechos de estatutos das ligas da várzea.

Palavras-chave: Futebol de várzea. Amadorismo. São Paulo.

ABSTRACT

This work aims to study the relationship of a riverbank (várzea) soccer club, called Sampaio Moreira Sport Club, among the years 1929 until the late 1940s. The club relations within the neighborhood and its surrounding community, its relations with professional soccer, as well as how the club has built its memory. The book "EC Sampaio Moreira's memories" was used as a source to observe how these relations have occurred. Such book is composed of newspaper clippings and pamphlets ranging from 1930 to 1954, as well as exchanged letters among riverbank (várzea) clubs and excerpts from statutes of riverbank alloys.

Keywords: Riverbank (várzea) soccer. Amateurism. Sao Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – SÃO PAULO: O DESENVOLVIMENTO DA METRÓPOLE E DO FUTEBOL	13
1.1 A metrópole e o crescimento do futebol	13
1.2 Do amadorismo ao profissionalismo	19
CAPÍTULO 2– O E.C. SAMPAIO MOREIRA E SUAS RELAÇÕES NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DE EXISTÊNCIA	28
2.1 Da relação com o bairro	28
2.2 Da relação com o profissionalismo	34
CAPÍTULO 3 – O FUTEBOL DE VÁRZEA EM OUTRO CAMPO: MEMÓRIA (S)	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX. De origem inglesa, o esporte se instalou nas cidades que estavam então em amplo crescimento, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, o que lhe garantiu espaço para ganhar muitos admiradores e praticantes. Entretanto, o que se observou, inicialmente, era um esporte voltado para a elite branca e masculina, a qual evitava ao máximo a popularização do mesmo. Na São Paulo do início do século XX, o *football* que se apresentava era praticado apenas pelos meninos da alta sociedade, dentro dos *clubs*, através de ligas organizadas reconhecido como futebol oficial, e prestigiado apenas pelas famílias dessa mesma alta sociedade, sem espaço para as massas.

Porém, devido à facilidade de sua prática, o futebol se espalhou pela cidade e caiu no gosto do povo. As várzeas dos rios se tornaram o espaço para a prática daqueles que não tinham espaço nos *clubs* da elite paulistana. A possibilidade de improvisação, principalmente dos materiais necessários ao jogo, deu ao futebol tudo o que se tentava evitar: popularidade. A expansão do esporte foi rechaçada e não reconhecida por anos. A ideia de que um jogador branco e rico poderia jogar contra um jogador pobre, e possivelmente, negro, era absurda. Fez-se de tudo para que isso não acontecesse, mas aconteceu. E passou, inclusive, a caracterizar o futebol: “esporte do povo”.

Segundo Diana Mendes Machado da Silva, o futebol foi então uma das atividades com maior adesão popular:

Das novidades que chegaram a São Paulo nos primeiros anos do século XX, poucas receberam adesão tão significativa quanto o futebol. Talvez apenas o teatro musicado e o cinema tenham despertado interesse equivalente ao que o esporte provocava entre os mais diversos grupos sociais que apenas começavam a tomar forma na cidade. Nacionais e imigrantes, brancos e negros organizaram associações esportivas e dedicavam parte de seu tempo a usufruir do futebol. (...) Os dados sobre a difusão do esporte na cidade nos primeiros anos do novo século também são reveladores de que o processo de apropriação do esporte se deu de maneira concomitante entre os diferentes grupos que compunham a cidade.¹

1 SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 26-27.

A prática do futebol na várzea dos rios passou a caracterizar o futebol extraoficial como o futebol de várzea. As discussões que seguiram entre os “futebóis” praticados na cidade de São Paulo giravam sempre em torno da questão social e racial. Além disso, com a expansão do esporte, e uma necessidade de um rendimento maior dentro de campo, as tensões que passaram a aparecer eram sobre o amadorismo e o profissionalismo – sendo que a questão social e racial pesavam também dentro dessas outras. Na busca por jogadores de maior qualidade, pela sobrevivência dos clubes através da vitória, foi preciso exigir dos jogadores o melhor de si; para isso, foi preciso que houvesse dedicação exclusiva ao futebol, o que implicava pagamentos aos jogadores, ganhos financeiros, a profissionalização do esporte, enfim.

Os defensores do amadorismo, a mesma elite que não desejava a popularização do futebol, afirmavam que o futebol deveria ser praticado apenas como hobby, por lazer ou por amor, que o envolvimento do dinheiro corromperia o esporte. A ideia de manter o esporte amador se desalinhava com a intenção de aumentar o nível dos jogadores, pois apenas os jogadores que possuíam tempo suficiente para treinos constantes teriam espaço em um futebol de maior rendimento, o que se mostrava como mais uma tentativa de não popularização do futebol, já que essa não seria a realidade da massa paulistana.

No fim da década de 1920, essa discussão estava no seu ápice. Mesmo que, na prática, o futebol profissional já existisse, já que os pagamentos eram feitos de forma escondida, longe dos olhares atentos do futebol oficial. Em 1933, se reconhece o futebol profissional em São Paulo, e a prática se expande com mais segurança dentro da cidade.

O que ficou de amador foi o futebol de várzea, foco desta pesquisa. O clube aqui estudado, o Esporte Clube Sampaio Moreira, foi fundado no ápice da discussão amadorismo X profissionalismo, e por isso foi escolhido para o estudo ora apresentado.

Pretende-se neste trabalho analisar como o Sampaio Moreira manteve suas relações com o profissionalismo que se instaurava e, ao mesmo tempo, com o bairro que o cercava no período que vai desde sua fundação, em 1929, até o fim dos anos 1940, quando o futebol profissional já estava completamente enraizado em todo o país. Pretende-se, ainda, mostrar também como o clube construiu sua memória no período que vai de 1930 a 1954, a partir da principal fonte encontrada durante a pesquisa, o livro de “Recordações do E. C. Sampaio Moreira”, que contém uma série de recortes de jornais e panfletos desses anos. As

demais fontes utilizadas foram cartas trocadas entre clubes da várzea e documentos de ligas de futebol varzeano às quais o Sampaio Moreira era filiado.

É importante também destacar que durante a pesquisa surgiram algumas dificuldades significativas. A primeira delas é a escassez de trabalhos sobre o futebol de várzea. Poucos são os estudos que tratam especificamente sobre o tema, o que dificulta o desenvolvimento das análises e dá a sensação de que se está sempre “tateando” um universo ainda não descoberto. Além disso, a principal entidade oficial do futebol paulista, a Federação Paulista de Futebol, não está disposta a receber pesquisadores, seja para auxiliá-los ou para permitir que trabalhem com as fontes que lá estão disponíveis, o que não facilitou a busca por clubes ou por informações do futebol varzeano. Felizmente, o E. C. Sampaio Moreira facilitou bastante o trabalho e disponibilizou toda a documentação que estava no clube, o que viabilizou o estudo aqui exposto.

O primeiro capítulo traz o panorama histórico do início do século XX até a profissionalização do futebol. A intenção é mostrar como o futebol se expandiu junto com a cidade de São Paulo, que nesse período se transformava em uma metrópole. A discussão sobre amadorismo e profissionalismo e suas consequências também são parte desse capítulo.

O segundo capítulo mobiliza as fontes a fim de compreender como se dão as relações do Sampaio Moreira. A relação que o clube mantém com o bairro, de como esse funciona como um ponto de sociabilidade e também como, por vezes, cumpriu obrigações que deveriam ser cumpridas pelos órgãos públicos. A relação que o clube manteve com o futebol profissional, as trocas realizadas entre esses (os jogos disputados entre o Sampaio Moreira e o Corinthians, por exemplo), e também as participações nos festivais e aberturas de jogos profissionais.

O terceiro capítulo retrata a construção da memória do clube através do livro de “Recordações do E. C. Sampaio Moreira”. Observa-se aí como a memória da várzea aparece através dos recortes de jornais e também como a memória do clube é construída, para assim discutir qual o seu sentido e utilidade.

CAPÍTULO 1 – SÃO PAULO: O DESENVOLVIMENTO DA METRÓPOLE E DO FUTEBOL

1.1 – A metrópole e o crescimento do futebol

O Brasil do início do século XX se mostrava diferente e inovador diante de tudo o que já havia acontecido no país. O fim da escravidão e a proclamação da república foram os principais motivos dessa nova configuração de país que se formava. As cidades em pleno crescimento, se colocavam como experiências para absorver a modernidade trazida dos países da Europa e dos Estados Unidos.

A São Paulo que se apresentava neste período era uma cidade em pleno desenvolvimento advindo das riquezas que as plantações de café trouxeram. A cidade crescia desenfreadamente, e se transformava de maneira desconhecida até então, “a multiplicidade de experiências sociais, (...) os conflitos agudos que marcam a vida turbulenta da cidade do trabalho, da seriedade e do progresso, em processo de acelerada industrialização e modernização (...)”², eram características que compunham a cidade que se estruturava.

Mesmo com essa explosão de modernidade e inovações, o que se observava era uma modernização que tentava conter uma liberdade ampla; uma modernidade bastante conservadora que colocava um modo de viver focado no progresso, na técnica e na razão. Mas, o que surgiu diante de tal conservadorismo foi uma série de contestações dos mais diversos grupos sociais que se aproveitavam do momento de mudança para construir uma sociedade com menos amarras. Anarquistas, operários socialistas e comunistas, mulheres feministas – das classes mais altas da sociedade –, intelectuais e artistas, grupos de negros e trabalhadores desfrutavam dessa efervescência moderna para repensar suas vidas através de lutas, afrontas e inovações e com isso garantirem sua sobrevivência nesse novo momento que emergia.³

2 RAGO, Margareth. *A invenção do cotidiano na Metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900 – 1950*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 1

3 Idem, p. 2

Os imigrantes que vieram para cá contribuíram para a construção dessa São Paulo, substituindo a mão-de-obra escrava no campo, e auxiliando para a formação do operariado na indústria. Vindo com outras ideias e experiências, os imigrantes tinham vivências diferenciadas daqueles nascidos em São Paulo ou no Brasil, com uma bagagem diferente sobre os hábitos cidadão. Esses imigrantes contribuíram para contestar e lutar por uma cidade menos homogênea e aristocrata, mesmo que com grande dificuldade, tal como a língua, por exemplo. Rago (2004) alerta que a cidade que era construída possuía “uma esfera pública excludente e privatizada, em que prevaleciam os interesses particulares das elites econômicas e dos grupos financeiros estrangeiros, brancos e masculinos, em detrimento do bem público.”⁴

Nessa conjuntura de mudanças, a busca por lazer também se intensificou, e os paulistanos buscavam se espelhar nos modos de diversão da sociedade europeia. Teatros, cinemas, restaurantes e cafés traziam o requinte que a elite metropolitana buscava, mas também a busca pelo esporte dentro dos *clubs* mais renomados agregariam no ar europeu que pairava por São Paulo.

E uma série de práticas esportivas se desenvolveram na cidade. O remo e o turfe foram os que alcançaram maior adesão de público, mas também tiveram outros esportes como o atletismo, a aviação, o tênis, o automobilismo, o basquete, o boxe e o críquete. São Paulo vivia uma febre esportiva, que visava moldar o corpo e a mente, de modo que essa prática contribuísse para uma convenção da época: buscar uma raça e uma sociedade mais pura.⁵

Mesmo com essa gama de esportes, o que mais ganhou destaque no período foi o futebol, que aos poucos foi ganhando mais e mais admiradores e adeptos. As discussões sobre as origens do futebol em São Paulo são as mais diversas e menos convergentes. A mais repetida e creditada fica a cargo de Charles Miller, filho de pai escocês e mãe inglesa, foi enviado para a Inglaterra com o intuito de estudar. Ao conviver com uma sociedade diferente, conhece uma série de esportes, e dentre eles o *football*, que lhe despertou

4 Idem, p. 5

5 FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 34

bastante interesse. Ao retornar ao Brasil, no fim do século XIX, Miller trouxe consigo as regras do *sport* e materiais para a prática do jogo, principalmente dentro da colônia britânica existente no Brasil, responsável pela fundação do São Paulo Athletic Club (SPAC), o primeiro *club* a praticar o futebol e que também protagonizou o primeiro jogo aconteceu em 1895⁶

Alguns estudiosos afirmam que o futebol foi inserido no Brasil pelo Rio da Prata, e consequentemente pelo sul do país; outra vertente diz que foram marinheiros britânicos que realizaram o primeiro jogo em 1864; há ainda aqueles que afirmam que os primeiros jogos aconteceram no Colégio São Luís, dos jesuítas, entre os anos de 1872 e 1874, através da prática de atividades físicas.

Mas apesar das divergências entre as origens do futebol, o que se faz mais importante aqui é como o futebol se desenvolveu rapidamente e passou a fazer parte do cotidiano da metrópole, por vezes confundindo-se com ela.

Os primeiros jogos do SPAC, despertaram

o interesse de outras pessoas ao esporte e, com os anos, surgem outros clubes dedicados ao futebol e que não são caracterizados por integrantes da colônia britânica existente. Entre o final do século XIX e os primeiros anos do XX, podemos destacar três clubes que surgem e se identificam com novos setores: Sport Club Internacional, composto por cidadãos de diversas nacionalidades; Associação Atlética Mackenzie College, formada por alunos da instituição de ensino de mesmo nome; e Sport Club Germânia, fundado por integrantes da colônia alemã e do Clube Atlético Paulistano, com fundadores e sócios caracterizados pelas famílias tradicionais da cidade e fazendeiros bem sucedidos⁷.

O interesse desses novos *clubs* que surgiram contribuíram para garantir o espaço do futebol na cidade, mesmo que esse fosse delimitado à elite paulistana. O *football* ajudou a moldar a cidade, surgiram novos estádios e alguns já existentes para a prática de outros esportes sofreram adaptações para receber a prática do futebol.

6 WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 41.

7 BROTTTO, Erik Orsatti. *Esporte do Povo? O controle da elite no futebol em São Paulo entre 1910 e 1919*. Monografia de conclusão de curso. UNIFESP, São Paulo: 2013, p. 16

No início do século XX, fez-se necessária a organização de uma entidade que regresse o futebol, já que esse estava em uma crescente desordenada. Em 1901, a Liga Paulista de Futebol (LPF) é fundada por quatro clubes, são eles: São Paulo Athletic Club, Sport Club Germânia, Club Athletic Paulistano e Sport Club Internacional⁸. A LPF trabalhava para manter o futebol apenas como um esporte da elite, não permitindo que qualquer clube se afiliasse, e organizando jogos apenas entres os que eram tidos como os grandes clubes da cidade.

Nesse mesmo período, o esporte estava se popularizando e ganhando novos praticantes. Com a dificuldade de se inserir na Liga – além de manter poucos clubes, a Liga ainda cobrava um preço alto para a manutenção dos próprios clubes. Considerando que os materiais eram caros e os preços dos ingressos insuficientes para cobrir todos os gastos com jogos, era necessário que os jogadores sustentassem a LPF. Com isso o futebol foi sofrendo adaptações para ser jogado nos locais mais variados da cidade, se espalhando inclusive para os bairros mais distantes. A várzea do Carmo foi um dos espaços mais populares onde o futebol conseguiu se desenvolver. Praticado por meninos e rapazes das classes menos abastadas, o futebol extraoficial se tornou o que chamou-se de “futebol de várzea”.⁹

A LPF se descontentava cada vez mais com a popularização do futebol, e com o surgimento de clubes populares com grande expressão. A ideia de manter o futebol, pelo menos o oficial, apenas para “jovens delicados e finos” estava desmoronando, e as tentativas de manter uma Liga “branca e rica” não estavam surtindo efeito. Em 1913, ocorre a primeira cisão no futebol paulista. Fundou-se a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA). Essa cisão surgiu do preconceito já posto anteriormente. Preconceito social e racial. A APEA buscava um futebol livre da massa, voltado apenas aos rapazes “de boa família”.

8 CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)*. São Paulo, Ibrasa, 1990. p. 95.

9 AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002, p. 32.

Muitas confusões da política de clube e federações explicam-se, assim, por um tenaz conflito de classes. Em 1913, o Club Paulistano rompeu a associação existente e fundou uma nova, na aparência por causa de um motivo insignificante, mas na realidade porque queria fazer uma 'seleção rigorosa' e 'exigia que as equipes' deviam ser integradas por 'jovens delicados e finos'¹⁰.

A questão social e racial foi o principal motivo de conflitos no futebol paulista. A dificuldade em se integrar as classes mais populares ao futebol inicialmente elitizado sempre esteve presente, e fez com que a popularização do esporte fosse mais difícil.

Em 1917, o futebol paulista conseguiu uma conciliação. A LPF – que desde o surgimento da APEA perdeu muita expressão – foi extinta e todos os clubes afiliados, inclusive os mais populares, foram agregados à APEA, que se tornaria a única entidade que organiza o futebol no estado de São Paulo¹¹.

Ainda que passando por diversos conflitos de organização, o futebol se desenvolvia na cidade de modo bastante rápido, e passava a atingir e encontrar adoradores em diversas partes de São Paulo e em diversas camadas sociais nas primeiras décadas do século XX. A ideia da competição apresentada pelo futebol, encontrava ressonância nos dias da metrópole que se estabelecia, tudo era uma luta, e o futebol contribuía para fortalecer o homem para a luta diária, além da aprendizagem do trabalho coletivo.

A vida inteira não passa de uma competição. Os jogos, o trabalho, o próprio ato de existir, tudo é concurso, tudo é preparo e exercício das próprias forças que se medem com as alheias (...). A energia física – continua o editorial –, o desenvolvimento orgânico, podem ser obtidos pelo esforço individual isolado (...). O seu verdadeiro valor porém, só poderá ser medido e provado pela luta, pela competição (...), só a luta pode dizer qual a verdadeira energia em seu mérito real (...). É preciso que demonstre ainda poder cumprir um trabalho coletivo e lutar com os seus inimigos nas condições sociais da luta. Outro valor não tem o esporte senão preparar o homem pela luta e para a luta.¹²

10 ROSENFELD, Anatol. IN: CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)*. São Paulo, Ibrasa, 1990. p. 97.

11 CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)*. São Paulo, Ibrasa, 1990. p. 98.

12 N/a, *O valor da luta*, extraído da revista Sports, n. 1. dez. 1919. Apud: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das letras: 1992.

Essa luta da qual tanto se falava fazia referência aos dias de desenvolvimento da metrópole, através de todas as suas dificuldades, influenciadas pela Guerra Mundial do início do século.

A ideia de usar o esporte como metáfora para as concepções de lutas diárias da metrópole divulgou o esporte para boa parte da população, permitindo o conhecimento e a prática pelas camadas mais populares da sociedade. Essa prática esportiva era incentivada, principalmente, pelos cronistas da época. Sevcenko (1992) faz uma análise de alguns trechos dessas crônicas que nos permitem observar o quão exaltada era essa expansão das práticas esportivas na segunda década do século.

'Nesse ano de 1919 os esportes estão tomando um desenvolvimento verdadeiramente espantoso, a tal ponto rápido, brilhante e seguro, que os mais otimistas não o poderiam ter suspeitado. (...) Generaliza-se e intensifica-se a prática das atividades físicas já conhecidas e aparecem e se desdobram oportunidades para a adoção e prosperidade entre nós, de esportes que de nome mal conhecíamos. Uma enumeração de todas as fases desse belo movimento de energias não caberia aqui e não é nosso intuito fazê-lo agora. Desejamos é que tão magnífico surto de progresso não morra e não esmoreça.' (Estado de São Paulo, 1919)¹³

Segue o autor,

Ao declará-la bem-vinda e denominar essa proliferação esportiva de 'um belo movimento de energias' o jornalista acrescenta à notícia o beneplácito da aprovação dos meios responsáveis pela ordem pública. Mais do que aprovação, a última frase indica mesmo um gesto de louvor a essa adesão em massa aos rituais de desempenho físico.¹⁴

A proliferação dos esportes no período era vista com aprovação, a busca pelo corpo equilibrado com a alma era um resultado que poderia se obter através do avanço das atividades físicas.

13 N/a, Organização esportiva. *O Estado de S.Paulo*, 19 de setembro, 1919, p.5. Apud: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das letras: 1992, p. 44.

14 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das letras: 1992, p. 44.

Com o avanço do futebol, podemos observar uma série de relações que se dão no âmbito do futebol. Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus, há uma sugestão, feita através de um estudo do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (CONDEPHAT), de que a partir da década de 1930, os bairros da cidade se relacionavam sobretudo através do futebol¹⁵. Jogos realizados nas periferias da cidade permitiam que o esporte participasse da vida de diversos bairros, e fosse além da sua manutenção no centro da cidade.

E o futebol praticado nos bairros geralmente se mantinha como um futebol extraoficial, varzeano. Em 1909, foi registrado o que seria o primeiro campeonato de várzea de São Paulo. Não eram equipes que tinham a pretensão de se alinhar ao futebol oficial, mas também tinham a ânsia de jogar.

E o jogo? Imaginem: o “pega” era de quem chutasse mais alto e forte; corridas loucas atrás da bola; a preocupação dos avantes em “encher” de pontapés o arqueiro que, por sua vez, tratava de se desviar dos adversários com a bola na mão. O mais belo feito era aquele dos jogadores fintarem o mais possível... Que partidas, que entusiasmo! Naquele tempo o jogo era para todos os gostos, leve e pesado, de acordo com as regras do futebol daquela época; dava gosto assistir a um jogo. Havia jogadores de fato, a camisa ficava molhada...

...esse foi o primeiro campeonato da Varzea de que se tem notícia. Foi então que tomou impulso o pequeno futebol.¹⁶

O futebol de várzea se expandiu muito por São Paulo ganhando grande relevância nos significados da metrópole, e após a profissionalização, foi o que ficou de amador pela cidade.

1.2 Do amadorismo ao profissionalismo

O futebol que se apresentava nas primeiras décadas do século XX em São Paulo era voltado principalmente às classes mais abastadas da sociedade paulistana. Jogado nos

15 JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *São Paulo: a cidade e o futebol*. Buenos Aires: 2001,

16 MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil: 1894—1945*, p.77 Apud: BROTTTO, Erik Orsatti. *Esporte do Povo? O controle da elite no futebol em São Paulo entre 1910 e 1919*. Monografia de conclusão de curso. UNIFESP, São Paulo: 2013, p. 20

clubes de grande expressão de São Paulo, o futebol não deveria passar de um hobby naquela época, um esporte de homens ricos, que se concentravam em fazer do jogo, muitas vezes, um evento social, para além do esporte, um encontro de famílias nas arquibancadas para assistir seus meninos dentro de campo.

De influência inglesa, a tentativa desses jogadores e apreciadores do futebol, era que ele se mantivesse assim: inglês. O uso da língua estrangeira para diversos sinais dentro de campo, além dos convites em inglês, dificultaria a presença de outras classes sociais, mais populares, dentro do esporte. Os primeiros clubes paulistanos foram fundados por imigrantes de origem européia, principalmente ingleses. O São Paulo Athletic Club, um dos exemplos de clube com origem britânica, permitia a presença de sócios brasileiros e de outras nacionalidades, mas nem todos poderiam fazer parte da administração. O 1º parágrafo do Artigo II do estatuto do SPAC demonstrava essa aproximação com a Inglaterra. “Poderão os sócios ser de qualquer nacionalidade, mas somente os que fallam o idioma inglez poderão ser votados e tomar parte na administração do Club”¹⁷. Mesmo que houvesse a permissão de outras nacionalidades, o recorte era claro e não se restringia ao SPAC, mas se expandia aos outros clubes de São Paulo que se organizavam e fortaleciam nas primeiras décadas do século.

O futebol importado, *made in England*, tinha de ser traduzido. E enquanto não se traduzisse e se abrasileirasse, quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês. Ou melhor: gritar em inglês.¹⁸

E essa não era e nem poderia ser a realidade da massa paulistana. O contato com a língua se dava de forma extremamente esporádica, geralmente dentro da fábrica com os imigrantes ingleses que aqui moravam, mas sem a compreensão da língua pouco presente na realidade das classes mais populares.

17 Estatuto do *São Paulo Athletic Club* em 1906. BROTTTO, Erik Orsatti. *Esporte do Povo? O controle da elite no futebol em São Paulo entre 1910 e 1919*. Monografia de conclusão de curso. UNIFESP, São Paulo: 2013, p. 16.

18 FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 30

O interesse em não popularizar o futebol era claro. A presença das camadas populares dentro dos clubes em expansão ligados a alta sociedade era quase impossível quando o que se via eram altas taxas cobradas para a entrada de membros nos clubes, “O elitismo também transparecia nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes das famílias ligadas à 'boa sociedade'”¹⁹. Não se misturar à massa era quase uma regra dos *footballers* que mantinham o esporte no Brasil no período.

(...) na aparência, naqueles (felizmente muito poucos) que não sofrem as consequências da má educação de pessoas que não estão de acordo com o nível moral e social do *sport*, uma espécie de democracia, que não passa no fundo de uma refinada hipocrisia... Nós pensamos e conosco pensam todos aqueles que fazem da sinceridade um culto: o *football* é um *sport* que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo! De modo que nós frequentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no Salão Naval, jantamos na Rotisserie, frequentamos as conferências literárias, vamos ao *five o'clock*; mas quando nos resolvemos a praticar *sport* entramos para o Icarahy Club, distinto filiado à 3ª Divisão Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, corrieiro [sic] mecânico, *chauffeur* e profissões outras que absolutamente não estão em relação ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática do *sport* torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão.²⁰

Junto à questão da classe social, estava a questão da raça. O futebolista deveria ser branco. O futebol deveria ser branco. Não deveria haver espaço para o negro dentro de um esporte que se construía como elitista. A presença do negro por si só já demonstrava uma popularização não prevista pelos seus praticantes. E a dificuldade em se ir além do preconceito racial, era ainda maior do que se jogar com um operário branco. A sociedade do pós-abolicionismo ainda não havia conseguido integrar os negros e mulatos, e o reflexo dessa não-integração se observava também no futebol, já que esse não era um fenômeno à parte da sociedade. O futebol ajudava a reforçar esse preconceito tão enraizado na sociedade do período.

19 AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. p. 31.

20 Joffre, colunista da revista *Sports*, em agosto de 1915. Apud: FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Onde se podia encontrar melhor demonstração de que tudo era como devia ser? O branco superior ao preto. Os ídolos do futebol, todos brancos. Quando muito, morenos. Preto só entrava no escrete uma vez na vida e outra na morte. E quando um branco que devia jogar estava fora, doente ou coisa que o valha. Então o preto podia jogar. (...) Cada lugar no escrete tinha um dono: branco, de boa família.²¹

Mesmo com todo o descontentamento da elite, o esporte possuía grande apelo, e se espalhava cada vez mais por entre as camadas mais populares da sociedade. Vista com bastante intolerância essa popularização se chocava com o uso que estava sendo feito do futebol. O momento pelo qual o país passava – surgimento de uma valorização do sentimento nacional, de um amor à pátria e o reconhecimento do homem como o homem brasileiro – permitia que o futebol se encaixasse em um projeto de *mens sana in corpore sano* e buscasse o fortalecimento da raça brasileira, preferencialmente branca, e dos princípios morais que deveriam reger a pátria. Os jovens *footballers* deveriam ser a representação máxima do brasileiro que se queria aqui²².

No entanto, mesmo que se tenha segurado ao máximo, a popularização do futebol aconteceu rente aos olhos dos mais contrariados com essa situação. Com extremo apelo popular, o futebol caiu no gosto das camadas mais populares da cidade de São Paulo e se espalhou pelas várzeas da cidade. Deixando de pertencer somente aos clubes da elite, o *football* passou a fazer parte dos interesses dos mais pobres. A relevância do esporte para esses não estava nos usos feitos pelos *sportmen*, mas na apreciação do jogo em si, na prática do esporte, e não no que esse poderia significar para o país.²³

(...) sua prática contou com o fato de serem poucas e simples as regras do jogo. Qualquer um, inclusive indivíduos dos segmentos pobres e não alfabetizados da sociedade, poderia praticá-lo facilmente segundo as regras. Bastava dispor de

21 FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 53.

22 Esse não era um consenso dentro da sociedade brasileira. Existiam aqueles que não acreditavam que o futebol pudesse ter grande espaço dentro do Brasil. Guimarães Rosa afirmava que “o *football* não pega, com certeza.”

23 FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 36

uma bola, de couro ou de pano, para animar um 'racha'. O campo podia ser um terreno baldio, uma várzea, uma praça ou uma rua.²⁴

A disseminação do futebol permitiu que essas camadas praticassem, inicialmente, entre si o esporte que era de domínio da elite. Mesmo com os altos custos para se jogar oficialmente, o que se via em São Paulo, eram adaptações desse esporte para os bairros mais distantes do centro. As várzeas da cidade se tornaram espaços importantes nesse processo de popularização. Foram nesses espaços que os operários e as crianças obtiveram a oportunidade de praticar o futebol, mesmo que esse fosse jogado com bolas de meia.

Esse esporte encontrou (...) um ambiente de 'esportivização' do cotidiano propício ao seu pleno desenvolvimento. Ademais, seu potencial integrador enquanto jogo de equipe, as intensas emoções que despertava e a facilidade com que podia ser improvisado mesmo sob as condições mais adversas fizeram-no ultrapassar sem demora os limites dos seletos *clubs* e colégios onde se instalara inicialmente para se alastrar por redutos urbanos menos nobres, como fábricas, várzeas e subúrbios.²⁵

Essa ampliação do esporte pela cidade permitiu que o próprio futebol de fábrica conseguisse se organizar melhor e em conjunto com as organizações do futebol de várzea esses demonstraram interesse em se fortalecer dentro do futebol oficial de São Paulo a ponto de se colocarem como adversários do futebol ligado à Liga Paulista de Futebol. No entanto, a entidade não demonstrava interesse nessa integração com o futebol popularizado, já que era regida pelos clubes da elite paulistana, defensores do futebol como prática aristocrática, o que gerou uma série de conflitos na prática do esporte.

A prática ampliada do futebol passou a interferir cada vez mais nos interesses dos clubes mais ricos da cidade, os quais desejavam manter o futebol como uma prática amadora, não considerando sequer a possibilidade de profissionalizar o esporte. E durante a década de 1920 esse foi o maior conflito de classes dentro do futebol.

24 AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. p. 32

25 FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 18

A questão do amadorismo ia além da prática apenas por amor, mas ela vinha para reforçar o conflito social já posto dentro do contexto futebolístico da época. Quando se defendia o amadorismo, se defendia que apenas quem tivesse tempo o suficiente para treinar, que não exercesse uma atividade exaustiva, conseguiria destaque dentro de campo, lógica que não cabia ao trabalhador que não tinha tempo para o treino, e acabava não conseguindo acompanhar os meninos dos *clubs* que conseguiam se reunir com certa regularidade para os treinos.

No entanto, com a popularidade do futebol cada vez mais extensa, o que se viu foi o surgimento de uma necessidade de vitórias para que os clubes caíssem cada vez mais nas graças dos admiradores. Era preciso que os jogadores dessem o melhor de si. E isso estava indo além da simples disputa dentro das quatro linhas. Vencer era uma questão de sobrevivência para o clube.

Cada vez mais, a necessidade de vitórias era questão de sobrevivência para os clubes, que se pegavam obrigados a atrair os melhores jogadores para seus quadros, única forma de mandar a campo 'a turma que soubesse vencer'. Isso não apenas implicou o estremecimento de barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam um “perfil ideal” para os atletas, como disseminou por praticamente todos os clubes atitudes como a oferta de dinheiro e outras vantagens para aqueles que viessem a vestir sua camisa. A suposta essência do esporte, o amadorismo, era solapada pela realidade [...].²⁶

O que se viu surgir nesse período, através da necessidade de um rendimento maior dentro de campo, foi uma busca por jogadores melhores a qualquer custo, inclusive custo financeiro, o que viria a descaracterizar toda a ética amadora imposta pelos defensores do amadorismo. E essa busca por jogadores iniciou a busca pelo profissionalismo do futebol.

A necessidade da profissionalização foi surgindo juntamente com o prazer de ver o time jogar cada vez melhor, não se contentando com o amadorismo. Além disso, os próprios atletas não se contentavam com a situação de jogarem como profissionais e não serem profissionais, o que contribuiu cada vez mais com a necessidade do esporte se profissionalizar.

26 FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 60-61

[...] os atletas percebiam muito bem, e não aceitavam mais a situação contraditória que viviam no início da década de 1930. Mesmo que fizessem do futebol sua única profissão, o que era cada vez mais comum, eles não dispunham de qualquer garantia formal que lhes permitisse exercer seu trabalho com segurança e tranquilidade.²⁷

No entanto, essa profissionalização não era bem quista pelos organizadores do futebol oficial em São Paulo. Foram criadas uma série de regras para inscrever jogadores, com o intuito de barrar, ou pelo menos dificultar a profissionalização do esporte.

Todo e qualquer atleta de futebol deverá apresentar (...) a cada noventa dias a prova de que trabalha. Na prova apresentada deve constar o valor do seu ordenado.

Todos os atletas de futebol devem ler e escrever corretamente.

Antes do jogo, o atleta deverá preencher a 'papeleta de inscrição' para poder adentrar ao gramado, diante do árbitro, do presidente da Associação ou de um fiscal (...).²⁸

Os jogadores deveriam ter uma profissão comprovada, deveriam trabalhar em algo, para que em nenhuma hipótese trabalhassem com o futebol. Entretanto, essas regras eram burladas das mais diversas maneiras. Uma série de jogadores tinham empregos fictícios, para que pudessem treinar sem maiores problemas, mas os fiscais da APEA estavam sempre atentos e iam até os locais para verificar a realidade desses empregos. Para se sustentar, os jogadores recebiam o “bicho”, dinheiro dado por fora, para que o jogador jogasse a partida, e jogasse bem. Esse período pelo qual passou o futebol paulista foi denominado de *amadorismo marrom*²⁹.

O que caracterizou esse período foram os embates constantes entre amadoristas e profissionalistas. Os primeiros defendiam a todo custo que o futebol deveria ser praticado apenas por amor, como hobby, para o deleite do praticante, pois o dinheiro corromperia o

27 Idem, p. 62.

28 CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial – Memórias do futebol brasileiro (1894 – 1933)*. São Paulo, Ibras:1990. p. 83.

29 Denominação associada à imprensa marrom que vivia da exploração de casos ilegais e sensacionalistas.

esporte, além da já não declarada intenção de voltar àqueles tempos do esporte aristocrata. Os segundos defendiam que o esporte não tinha mais condições de se manter amador, “o futebol já não era mais um simples esporte praticado por amadores, o jogo ficava cada vez mais sério e disputado e, portanto, fazia-se necessário a criação de normas de profissionalização do esporte.”³⁰ O futebol tinha uma grande dificuldade em se manter exclusivamente amador, porque na prática ele já era profissional.

É muito raro, mesmo raríssimo, o *club* que possui em sua integridade todos os elementos que praticam o *sport* pelo *sport*, unicamente visando seus benefícios próprios. Não: nada disso. A maioria é profissional, desse profissionalismo mascarado de amador.³¹

No mesmo período da publicação acima, 1930, os países próximos ao Brasil, e alguns europeus, já haviam reconhecido o futebol como profissional, o que causou um êxodo de jogadores brasileiros em busca de reconhecimento e da possibilidade de se construir uma carreira segura dentro do futebol. Isso contribuiu para que os jogadores que ficaram no país, criassem uma consciência sobre o valor de ser jogador e do esporte, e brigassem cada vez mais pelo reconhecimento do profissionalismo.³²

A insatisfação ia além dos jogadores, atingia também apreciadores, dirigentes dos clubes e uma parte expressiva da imprensa esportiva. As dúvidas que esse “quase profissionalismo” causavam deixavam todos apreensivos quanto ao futuro e a garantia de existência do futebol no Brasil. A única solução possível para esses era a oficialização do profissionalismo.

Em 1933, a situação estava completamente insustentável, e a Liga Carioca de Futebol (LCF) foi a primeira a reconhecer o profissionalismo no futebol. Logo depois, ao se reunir com a APEA, a LCF firmou um acordo, e em São Paulo também foi reconhecido o futebol

30 BERTUOL, Mayara Karoline; CALÇADO, Danilo. *A profissionalização do futebol*. São Paulo, 2010.

31 F.E, cronista do *Correio Paulistano*, em julho de 1930. IN:FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 60

32 FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 63

como esporte profissional, o que permitiu que os jogadores ganhassem a vida jogando futebol.

Para os jogadores, na verdade, buscar a profissionalização não consistia em mera questão de preferência. O futebol permitia a sobrevivência imediata e, quem sabe a realização do sonho da ascensão socioeconômica para muitos daqueles que não encontravam essa oportunidade pelo trabalho. O próprio jogo virara um trabalho.³³

Quando a profissão das chuteiras deixou de ser uma escolha ou uma disputa entre amadoristas e profissionais, foi possível um reconhecimento maior dos jogadores, e juntamente com isso uma necessidade mais ampla de qualificar cada vez mais os pés-de-obra para o exercício do esporte.

33 Idem, p. 64

CAPÍTULO 2 – O ESPORTE CLUBE SAMPAIO MOREIRA E SUAS RELAÇÕES NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DE EXISTÊNCIA

2.1 – Da relação com o bairro

Com o reconhecimento do profissionalismo, o esporte se reorganizou dentro da cidade de São Paulo. A profissionalização permitiu que os clubes de grande expressão se desenvolvessem cada vez mais e garantissem um espaço cada vez mais amplo dentro da metrópole, os melhores locais para a prática do esporte foram sendo apropriados pelo futebol profissional, já que esse tinha a mínima possibilidade de manter alguns espaços, além da necessidade de garantir que a torcida comparecesse para ver o time jogar – necessidade maior do que na prática amadora, que não dependia por completo dos possíveis lucros dos jogos.

Com a prática do profissionalismo, o futebol deixou de ser apenas uma atividade esportiva: transformou-se em espetáculo de massas e em importante fonte de lucros. A concorrência entre os clubes e a busca constante de vantagens econômicas foram, paulatinamente, superando e substituindo os princípios morais defendidos pelos adeptos do amadorismo. Parte do dinheiro arrecadado com a venda de ingressos servia para remunerar os jogadores (...).³⁴

Esse dinheiro da venda de ingressos, além de servir para remunerar os jogadores, permitia que os clubes profissionais mantivessem campos de futebol mais organizados e gerassem um ciclo de renda, o qual permitiria receber sempre a torcida pagante de forma numerosa. Com o pagamento das entradas para os jogos, os clubes tinham a sua base de sustentação econômica, dinheiro que servia desde a manutenção do clube até a contratação de novos jogadores.

As várzeas dos rios ainda eram, pelo menos nesse período, os principais campos de futebol dos praticantes amadores. A facilidade que a várzea do rio proporciona para a

34 ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992. p. 26

prática do futebol – é um terreno plano, desocupado e semipreparado para a prática do esporte – contribuía para que o futebol amador conseguisse se manter na cidade mesmo com a profissionalização de clubes maiores.³⁵

O futebol, praticado de forma amadora, dentro do bairro, permitia uma relação muito próxima do clube com os moradores do bairro. O clube se tornou um ponto de encontro, no qual a vivência ia muito além do esporte, os problemas do bairro eram discutidos nesse espaço, esses encontros aproximavam as pessoas vizinhas, a promoção de festas divertia a população desses bairros. Deste modo, é possível dizer que tais ações permitiam aos clubes se desenvolverem muito mais enquanto espaço de sociabilidade do que o desenvolvimento da equipe de futebol.

Da Várzea do Carmo, os campos se alastraram por toda a cidade, sobretudo nos bairros operários. E com eles, inúmeros clubes foram surgindo. Brás, Belém, Penha, Bom Retiro, Canindé, Ponte Grande, Santana e Ipiranga tinham as maiores concentrações de clubes de várzea. Além da manutenção de equipes de futebol, estes clubes promoviam atividades sociais, como bailes, piqueniques, excursões e pescarias, o que assegurava, também, a participação de mulheres e crianças.³⁶

A proximidade que o clube gerava entre os moradores do bairro permitia uma consolidação da comunidade ao redor. Formado muitas vezes por associações de amigos, ou amigos do bairro, ou de centros comunitários. O clube de futebol preencheu os espaços de lazer buscados pela população, além de permitir uma agregação que é quase inata ao esporte. A relação desses vizinhos em torno do esporte significava uma união e a construção de uma amizade, ainda que simbólica, nas relações existentes em torno dessa comunidade³⁷.

Dentro dessa dinâmica encontra-se o Esporte Clube Sampaio Moreira. O E.C. Sampaio Moreira possui sua sede localizada no bairro do Tatuapé, à Rua Tijuco Preto, nº. 1023.

35 WITTER, J.S. *A várzea não morreu*. IN: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (ORG). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. p. 101

36 ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992. p. 22

37 WITTER, J.S. *A várzea não morreu*. IN: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (ORG). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. p. 102-103.

Fundado em 1º de setembro de 1929, o clube surgiu de uma reunião de amigos que resolveram montar um time para praticar futebol. O nome faz referência a uma família rica que possuía uma série de terrenos na região, e com a intenção de se adquirir uma concessão de um dos terrenos para a prática do futebol, esse grupo resolveu nomear o time de Sampaio Moreira.

Designados vários elementos para conversar com o 'velho' Sampaio, o mesmo concordou em ceder o referido terreno, se o time levasse o seu nome de origem, ou seja, Sampaio Moreira. (...) o 'velho' não concordava em ajudar em mais nada, não dava calções, nem meias e muito menos as camisas ou bolas.³⁸

A dificuldade de se montar um time de várzea, sem que os próprios participantes tivessem condições financeiras para manter o clube, eram imensas. A ideia de unir alguns amigos para jogar futebol parecia ótima inicialmente, mas os entraves que se apresentavam conforme as necessidades iam aparecendo, a constituição de um clube de futebol mostrava-se aos entusiastas que a manutenção de um time de futebol era muito mais complexa do que vinte e dois jogadores e uma bola. A busca do Sampaio Moreira por ajuda para manter o clube persistiu, e outro morador do bairro do Tatuapé, doou à época um jogo de camisas para que o grupo de amigos pudesse se organizar para a prática do futebol.³⁹

A fundação do E.C. Sampaio Moreira contribuiu para as relações dos moradores do bairro do Tatuapé. Inicialmente sem sede, como a maioria dos clubes de várzea, o Sampaio Moreira realizava suas reuniões nos bares da região ou na casa de alguns dos jogadores ou torcedores. A relação que o clube desenvolvia com os moradores do bairro permitia que houvesse uma aproximação entre moradores, torcedores, jogadores e diretoria.

Considerando-se um dos grandes campeões do bairro ao longo de sua história, o Sampaio Moreira, segundo consta em seu site oficial⁴⁰, possuía uma torcida grande e sempre presente nos jogos.

38 ATA de fundação do E.C. Sampaio Moreira. Disponível em: <<http://www.sampaio Moreira.com.br/>>. Acesso: 10 agosto 2013.

39 Idem.

40 <http://www.sampaio Moreira.com.br>

O E.C. Sampaio Moreira, nos bons tempos teve uma das mais fanáticas e aguerridas torcidas do bairro. Seus torcedores acompanhavam o time em quaisquer circunstâncias e onde quer que ele se apresentasse. Até mesmo em campo adversário (...) ⁴¹.

Além disso, o discurso recorrente que se ouve, tanto dentro da sede atual do clube, como nas memórias escritas no site ou nas recordações, é sobre o Sampaio ser um dos grandes campeões de toda a região.

Juntamente com o Vila Primavera, fazia a dupla de clubes mais temida da região. Primeiramente ocupava um campo de pequenas dimensões entre a rua Platina, Airi e Itapura. (...) Sem dúvida alguma, o Sampaio Moreira foi um dos grandes campeões do bairro. Entre seus inúmeros títulos conquistados salientamos os seguintes: Campeão da Série M. Penha e Belém de 1934, Campeão do Tatuapé em 1940, Campeão Varzeano do IV Centenário em 1954, Campeão Amador da Capital do IV Centenário em 1954, Campeão do Setor 8 de 1955, Campeão do Torneio Tamanqueiro de 1955, Campeão Varzeano de 1956, Vice-campeão Amador da Capital em 1956, Bi-campeão Amador do Estado de 1957 e 1958, Bi-campeão Amador FPF 1959 e 1960, Vice-campeão Amador da Capital 1959 e 1960, Campeão da Seme Setor Leste 1980. ⁴²

A presença do clube dentro do bairro se fazia presente muito além das questões futebolísticas, as questões sociais eram tão fortes quanto o futebol. No livro de recordações do Sampaio Moreira, observamos uma série de recortes de jornais e panfletos que reforçam essa noção de que o clube interagia com o bairro de diversas maneiras além do esporte. Em um desses panfletos, há um manifesto de setembro de 1934, que chama atenção para os proprietários da região sobre as condições ruins das ruas do bairro, da falta de transporte coletivo e também da ausência de iluminação pública.

41 ACERVO histórico do E.C. Sampaio Moreira. Disponível em: <<http://www.sampaiomoreira.com.br>>. Acesso em 10 agosto 2013.

42 ACERVO histórico do E.C. Sampaio Moreira. Disponível em: <<http://www.sampaiomoreira.com.br>>. Acesso em 10 agosto 2013.

Foi dirigido á (sic) prefeitura municipal um bem circunstanciado e extenso memorial, afim de ser tomado em consideração o estado precário das ruas desta populosa zona, como também, a consequência que sofremos por falta de transporte coletivo e rápido, e iluminação pública.⁴³

O manifesto pedia a união das pessoas moradoras e proprietárias daquela região para que pudessem pleitear essas melhoras. Para que tal união acontecesse o panfleto chama uma reunião,

A comissão abaixo assinada solicita o comparecimento de todos os PROPRIETÁRIOS INTERESSADOS para uma reunião preliminar ás (sic) 14 horas, do dia 7 do corrente, na séde do Esporte Clube Sampaio Moreira, sito à rua Vilela, n. 184-A, afim de se tratar da organização da Associação de Melhoramentos da 5ª Parada (...)⁴⁴.

Manifestos como esse são repetitivos no livro de recordações do Esporte Clube Sampaio Moreira. A utilização do clube como local de discussão ou meio de divulgação nessa busca por melhorias no bairro e no entorno marca a relação que o clube mantinha com a vizinhança. Relação de proximidade, que ia além do esporte, mas também ponto de encontro para tentar solucionar problemas que atrapalhavam a rotina da região e que, pode-se pensar, estavam aquém dos possíveis encargos de um clube.

Outro folheto que constava no livro de recordações do Sampaio Moreira, datado de setembro de 1934, trata do quinto aniversário do clube e há uma chamada para uma festa em benefício da escola para filhos e irmãos dos sócios. “A directoria, convida o povo em geral a tomar parte nesse grande festival, e pede aos habitantes da zona, que não deixem de comparecer.”⁴⁵ O que permite observar que havia um pedido de aproximação da comunidade. Ao

43 MANIFESTO aos Snrs. Proprietários da Vila Gomes Cardim, 5ª Parada, Vila Brasil, Vila Azevedo e mais bairros visinhos. São Paulo, 1934. (panfleto)

44 Idem.

45 GRANDIOSO Festival ao Ar Livre do Esporte Club Sampaio Moreira. São Paulo, 1934. (panfleto)

chamar os habitantes da “zona”, refere-se à região próxima ao clube, ao bairro do Tatuapé, às vilas próximas para que houvesse uma interação entre essa população e os que compunham o clube. Além disso, essa festa se tratava de um evento beneficente, a qual buscava arrecadar fundos para uma escola dos filhos e irmãos dos sócios do clube.

O Sampaio Moreira criou e mantinha uma escola de alfabetização para filhos e parentes dos sócios. Diversas notícias referentes a essa escola aparecem no livro de recordações reforçando sempre a ideia de que o clube significava algo além do futebol para o bairro, e mais do que isso, que o clube fazia algo que pelo bairro que era de grande importância. Uma das notícias sobre o assunto intitulada de “O Esporte Clube Sampaio Moreira vai fundar uma escola”, traz elementos que fundamentam essa concepção de que o clube ajuda na melhoria do bairro.

O E.C. Sampaio Moreira, possuindo em sua direção pessoas de alto senso prático, projectou, há tempos, a organização de uma escola de primeiras letras para os filhos dos associados, ou parentes dos mesmos. A ideia como era de se esperar, tomou vulto, aumentando logo o número daquelles que trabalhavam para tal fim. (...) O E.C. Sampaio Moreira, deseja contribuir naquillo que puder e estiver ao seu alcance, para que o número de analfabetos, pelo menos no bairro onde exerce sua actividade, seja grandemente diminuido.⁴⁶

As relações que o clube mantinha com o bairro estendiam o papel do clube, e o transformavam quase numa associação que contribuía para a manutenção da região. Pensando no Sampaio Moreira como uma associação, estabelecida no subúrbio de São Paulo, é possível observar que esse rompia com uma exclusão e delimitação posta pela cidade, traçando um outro tipo de diálogo com a metrópole.⁴⁷ Essa relação particular com a cidade se detém ao clube da várzea, que se aproxima do bairro, mais do que se aproxima, que está dentro do bairro, faz parte

46 S/a. O Esporte Clube Sampaio Moreira vai fundar uma escola. *O Dia*, São Paulo, 1934.

47 SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 108.

dele e o constrói. Essa afinidade que o clube possuía com o bairro não acontece com o clube profissional – com poucas exceções –, esse reconhecimento de “ser o bairro” acontece com o clube amador que sede o seu espaço para reuniões, festas, arrecadações em prol do bairro, que se torna o ponto de encontro não só pelo futebol, mas também pelas relações sociais que estavam estabelecidas além do âmbito esportivo.

2.2: Da relação com o profissionalismo.

A oficialização do profissionalismo no futebol em São Paulo aconteceu em 1933, em um momento em que o futebol somente amador já não se sustentava mais, porque ele na prática já estava profissionalizado. No entanto, o clube aqui estudado não passou por esse processo. O E.C. Sampaio Moreira foi criado em pleno *amadorismo marrom*, mas não sofreu diretamente com esse processo nem com a profissionalização em si. Mas houveram uma série de implicações para o futebol como um todo, como também para o futebol amador e para o Sampaio Moreira.

Muitas dessas implicações não são claras e explícitas, e ocorreram no decorrer de um período mais amplo. Implicações que vão desde a transferência de jogadores da várzea para o profissional, passando pelas relações amistosas mantidas com times profissionais, até a organização do futebol de várzea, diferente das organizações do futebol profissional.

Os jogadores do futebol amador, em sua maioria, possuíam outra profissão e praticavam o futebol como hobby, mas alguns – não raros – sonhavam com a carreira profissional, e em ganhar dinheiro através da prática do esporte. Poucos foram os que conseguiram sair da várzea e chegar ao futebol profissional. Nos documentos ainda disponíveis no Sampaio Moreira, encontra-se o recibo de apenas um jogador que foi transferido para o Sport Club Corinthians Paulista, com quem o clube manteve boas relações, por uma quantia significativa. O recibo é do ano de 1937, e não possui outras informações além do nome do jogador (Aldo Maurício Marques), do valor de venda e dos dados dos dois clubes, não

possuindo outras informações que poderiam contribuir para pensarmos a saída de jogadores da várzea para a atuação profissional.⁴⁸

No clube, está disponível também um texto intitulado *História da nossa Várzea*, de Pedro Abarca⁴⁹, o qual narra um pouco sobre a história do futebol varzeano no Tatuapé. Segundo Abarca, o Tatuapé, no início do século XX, era um bairro vasto, com diversos terrenos sem uso algum, e que isso contribuiu para a disseminação do futebol. E que

pouco a pouco começaram a surgir clubes por todos os rincões e em suas fileiras excelentes jogadores. Dadas as suas virtudes, muitos acabaram envergando a camisa de algum clube da Divisão Principal. Outros por não poderem largar seus trabalhos, devido o (sic) sustento de suas famílias, acabaram não realizando seus sonhos.⁵⁰

O desejo de ser profissional poucas vezes pode ser realizado por um jogador da várzea. As condições do jogador varzeano eram muito diferentes das do profissional. A principal delas era o tempo de treino. Havia uma grande dificuldade em conseguir reunir todo o escrete de um clube da várzea para o treino, já que esses possuíam horários para cumprir nas profissões que seguiam, o que diminuía a qualidade e o entrosamento da equipe toda dentro de campo. Mesmo que houvesse um treino individual, o jogador amador não possuía o mesmo tempo de um jogador profissional. O jogador que conseguia se profissionalizar, tinha o tempo de treino necessário para que o seu rendimento fosse ampliado, recebendo para isso, sem a necessidade de manter outro trabalho.

O dilema profissionalização era justamente esse, um nível alto de futebol para se jogar no profissional, ao lado de uma série de dificuldades e impossibilidades de se atingir esse nível jogando no futebol de várzea. Mas essa não era uma preocupação da maioria, muitos não chegavam a sonhar com a profissionalização, mas mantinham o esporte apenas como

48 Outros documentos semelhantes são encontrados, mas em sua maioria com datas a partir da década de 1950, estando bastante distantes do período do reconhecimento da profissionalização.

49 Memorialista da região do Tatuapé, possui várias publicações relacionadas às memórias do bairro.

50 ABARCA, Pedro. *História da Nossa Várzea*. São Paulo: s/d. O texto não foi encontrado em nenhum veículo, mas segundo o secretário do clube, ele se encontra disponível nos clubes amadores da região. O autor faz um levantamento de todos os clubes do Tatuapé e conta, um pouco superficialmente sobre as relações que o futebol mantinha com a região.

prática de lazer. Nos documentos disponíveis no Sampaio Moreira, não foi possível observar claramente se esse era um desejo dos jogadores. Já em relação à profissionalização do clube, não há nenhuma menção em nenhum dos documentos. E em conversas com o secretário do clube, em suas memórias construídas, ele garante que o clube sempre quis ser amador, e que mantinha – e mantém até hoje – uma paixão pelo esporte amador.

Ao pensar as relações entre os clubes de várzea e os clubes profissionais, observando todo o contexto, como o futebol profissional aconteceu e foi reconhecido, fica-se com a sensação de uma desqualificação do futebol amador, como se esse fosse menor e menos importante, o que gera a noção de que as relações entre amadores e profissionais eram tensas ou praticamente inexistentes. No entanto, ao analisar os recortes de jornais contidos no livro de “recordações do Esporte Clube Sampaio Moreira”, observa-se uma relação bem diferente da presumida inicialmente. Uma série de notícias mostram uma relação muito próxima do Sampaio Moreira com o Corinthians.

Uma das notícias que consta no livro é sobre um festival promovido pelo Corinthians, no qual o Sampaio Moreira participaria.

Realiza-se amanhã, no gramado do Corinthians Paulista, um grandioso torneio de futebol, entre os valorosos clubes acima (E.C. Sampaio Moreira e Carandiru A.C) e do famoso juvenil do Corinthians, em caracter amistoso.

Esses jogos promettem atrair a atenção de seus innumerous sympathicantes por ser conhecido o valor dos quadros contendores.

A ordem dos jogos é a seguinte: ás 13,30, os 3.os quadros Sampaio Moreira e Carandiru; ás 14,30, Juvenil Sampaio Moreira e Juvenil Corinthians; ás 15,30 1.os quadros Sampaio Moreira e Carandiru.⁵¹

A participação do Sampaio Moreira no festival, possibilita supor que os clubes mantinham um vínculo amistoso, a possibilidade de jogar com o Corinthians, mesmo que fosse com o quadro juvenil, trazia ao Sampaio Moreira uma projeção maior, e ao ser relacionado com um clube “grande”, o qual desfrutava de um espaço maior dentro do futebol,

51 S/a. O E.C. Sampaio Moreira e o Carandiru A.C. tomarão parte no festival do Corinthians. *O diário da noite*, 23 de junho, 1934, São Paulo.

proporcionava ao clube outras esferas dentro da cidade, além do bairro, mesmo que o Corinthians também fosse um clube do Tatuapé.

Outras notícias aparecem no livro de recordações fazendo referências a participações do Sampaio Moreira em festivais realizados pelo Corinthians. Uma dessas faz referência a um jogo preliminar de Corinthians e Club Atlético River Plate (Argentina), de 1934, no qual o Sampaio Moreira enfrentou o União Vasco da Gama F.C., e venceu o primeiro jogo⁵². O segundo jogo, uma revanche a pedido do União Vasco da Gama, disputado dias depois, foi uma preliminar do jogo Corinthians e São Paulo Futebol Clube, realizado no Parque São Jorge, estádio do SCCP. Esse jogo também foi vencido pelo Sampaio Moreira, por 3 a 0.

Era comum que o Sampaio disputasse jogos no campo do Corinthians, as trocas entre os dois times – o Corinthians também utilizava do campo do Sampaio para treino de alguns dos seus quadros, principalmente o juvenil – eram comuns, e aconteciam sem muitos obstáculos. A facilidade do Sampaio em jogar no Parque São Jorge, contribuía para a mesma facilidade já citada acima, de se projetar, dentro do futebol de várzea, do bairro e também da cidade.

A organização da várzea se dava de forma diferenciada da organização do futebol profissional, mesmo por causa de suas limitações, muitas vezes financeiras, e também por possuir uma quantidade muito maior de clubes, a comparação por vezes se torna inviável. Existiam, espalhadas pela cidade, uma série de ligas às quais os clubes amadores se afiliavam e ajudavam a manter de diversas formas, as mais comuns eram o pagamento de uma taxa periódica ou parte de renda dos ingressos dos jogos realizados pelas ligas.

O Sampaio Moreira fazia parte de uma série de ligas⁵³, mas o único documento encontrado no clube se refere à Liga Esportiva do Tatuapé “Princesa Izabel”⁵⁴, e se trata de uma parte do estatuto da liga, datado de setembro de 1941. O estatuto previa uma organização que incluía uma participação bastante forte dos clubes afiliados à Liga, através de um representante de cada clube em todas as reuniões administrativas. Além disso, os

52 Foi possível saber o resultado do jogo porque há outra notícia sobre o segundo jogo disputado entre os dois times, na qual diz que o Sampaio Moreira saiu vencedor pela contagem de 4 a 2.

53 Informação fornecida por Alcides, secretário do E.C. Sampaio Moreira, em agosto de 2013.

54 Liga de futebol de várzea, que se limitava ao bairro do Tatuapé.

clubes apresentavam também os juízes, e esses deveriam ter uma profissão definida. A questão amadora se fortalecia inclusive nesses aspectos considerados menores, nos quais nem mesmo os juízes poderiam não ter uma profissão, o que poderia indicar que esses receberiam algum pagamento pelos jogos. “Os juízes serão apresentados pelos clubes filiados, podendo ser sócio ou não do clube apresentante, mas, é indispensável ser portador de moral elevada, conduta exemplar e profissão definida.”⁵⁵ Além disso, o estatuto também levanta a questão do homem que deve ser exemplo para a sociedade. O juiz que fazia parte da liga – em teoria, pelo menos – deveria ser um homem de moral elevada, o que permitira que sua exposição dentro dos jogos servisse de modelo para quem assistia e participava dos jogos.

Outro modo muito utilizado pela várzea para organizar seus jogos eram os festivais, organizados pelos clubes ou por moradores do bairro, quase sempre ligados a uma comemoração, os festivais eram uma variante bastante forte nos modos de disputa do futebol de várzea.

No que se refere especificamente ao futebol, há que se destacar a centralidade de uma das modalidades de encontro entre as associações de bairro: os festivais. Organizados como torneios competitivos que chegavam a durar fins de semana inteiros, neles se deu a maior parte dos embates futebolísticos varzeanos.⁵⁶

Um dos panfletos encontrados no livro de recordações se refere a um festival de 1943, organizado pelo E.C. Rio Verde, o qual convidou o Sampaio Moreira e outras agremiações varzeanas para a participação em tal festival. A intenção era homenagear um jogador do Rio Verde, Sebastião Della Molle, que segundo anunciava o panfleto era um valoroso jogador do clube. O evento também previa medalhas para os vencedores, “Entrarão em disputa onze medalhas e quatro interessantes troféus, ofertados pelo deputado BRASÍLIO MACHADO NETO, D.D. Presidente dos Conselhos Regionais do 'Sesc' e do 'Senac' de São Paulo.”⁵⁷ O destaque dado ao deputado e sua ligação com as premiações oferecidas

55 ESTATUTO da Liga Esportiva do Tatuapé “Princesa Izabel”, capítulo VII – Dos Juízes.

56 SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 110.

57 GRANDE Festival Esportivo promovido pelo Esporte Clube Rio Verde, São Paulo, julho de 1943 (panfleto).

aos participantes permitia que esse fosse ligado de forma positiva ao futebol amador, observando que heranças políticas estavam se ligando a esses festivais.

Além disso, segundo Silva, 2013, outro modo de disputas dos jogos eram os amistosos,

os varzeanos contavam com outra modalidade competitiva: os *amistosos*, que consistiam em partidas marcadas entre os times de futebol das associações sem estarem necessariamente previstas nos calendários de atividades. Seu arranjo era habitualmente realizado por *paredros*: articuladores que, em geral, não integravam os clubes, mas conheciam muito bem seus diretores, assim como os bairros e os campos de futebol disponíveis. Tais saberes lhes rendiam pequenas gratificações por parte dos beneficiados com o jogo combinado e, em muitos casos, uma posição de liderança naquelas localidades.⁵⁸

Constam uma série de cartas trocadas entre vários clubes da várzea com combinações de jogos amistosos nos arquivos do Sampaio Moreira. Esses jogos ocorriam além do calendário de festivais e ligas, e eram financeiramente rentáveis aos clubes participantes. Uma dessas cartas se destaca por um trecho que vem afirmar a questão do amadorismo: “e constando esse clube ser um dos raros que cultivam o ESPORTE PARA O ESPORTE, essa diretoria em sua última reunião resolveu convidar os disciplinados conjuntos desse clube, para a disputa amistosa de um jogo de futebol.”⁵⁹

A questão do esporte pelo esporte esteve muitas vezes sendo reafirmada nas entrelinhas do futebol varzeano. A necessidade de se afirmar que se jogava futebol por amor, por lazer era sempre presente, com a intenção de se posicionar diante do futebol profissional, e daqueles que ainda pagavam aos seus jogadores para a prática amadora do futebol.

58 SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 113.

59 CARTA enviada ao Sampaio Moreira pelo Esporte Clube 1º de Maio, São Paulo, dezembro de 1948.

CAPÍTULO 3 – O FUTEBOL DE VÁRZEA EM OUTRO CAMPO: MEMÓRIA(S)

A autoimagem construída pelo futebol varzeano gira, quase sempre, em torno da prática do esporte pelo esporte, da prática por amor ou lazer, com a intenção de esclarecer o não envolvimento com o profissionalismo. Não se trata sequer de manter uma relação cordial com os times profissionais, o que o futebol de várzea pretende mostrar é que ele não é profissional e, portanto, que é detentor do verdadeiro futebol.

A ideia romantizada do futebol amador como praticante do “verdadeiro” esporte era constantemente disseminada na mídia esportiva, cuja afirmação se estabelece também na década de 1930, no próprio momento em que, como vimos, o profissionalismo se legitimava. O livro de “recordações do E. C. Sampaio Moreira”, com recortes de jornais variados que vão desde 1930 até 1954,⁶⁰ ajudam a reforçar essa visão idealizada. Uma das matérias preservadas, intitulada *Competir pelo Esporte*, publicada pelo *O Dia* em 1954, traz a questão da competição apenas pelo esporte:

À medida que o Campeonato Varzeano do IV Centenário vai tendo desenvolvimento, aproximando-se da sua primeira fase mais e mais acirradas se tornam as disputas nos vários setores (...). Quem conhece a várzea não pode deixar de saber das dificuldades que enfrentam os responsáveis pela organização de um certame da magnitude desse Campeonato Varzeano do IV Centenário (...). Às vezes, infelizmente o mais comum, são partidas que não chegam a terminar devido a conflitos, agressões a faca, a pau, a garrafadas e até mesmo a cabo de aço. (...)

Temos recebido pedidos de vários presidentes do setor, que nos solicitam publicar um apelo a torcedores, dirigentes de clubes e jogadores, para que não se deixem levar pelas paixões, para que se encarem as competições esportivas como esportistas, para que seja cumprida a finalidade deste Campeonato Varzeano do IV Centenário. O campeonato é de vocês varzeanos. Não tentem disvirtuar sua finalidade, que é a de procurar irmanar a família varzeana. (...) Os varzeanos precisam encerrar o Campeonato com chave de ouro, lembrando-se sempre das promessas que fizeram no início: competir pelo esporte, pelo seu engrandecimento.⁶¹

⁶⁰ O livro começa em 1930, no entanto, as 48 primeiras páginas não estão mais disponíveis, então, existe a possibilidade de haver algumas notícias anteriores, considerando-se que o clube foi fundado em 1929.

⁶¹ SÁ, Victor de. *Competir pelo esporte*. *O Dia*, São Paulo, 04 de agosto, 1954. s/p.

A competição pelo esporte é reafirmada dentro da notícia com bastante expressão: era preciso conter inclusive a paixão pelo clube, era preciso não se exaltar e não querer se colocar acima do outro, a competição deveria ser apenas pelo engrandecimento do futebol. Deveria estar acima de tudo o bem coletivo que a competição imprimia, além de ganhadores ou perdedores, em oposição ao futebol profissional, no qual a vitória é o que realmente importa. A prática do esporte deveria ser um fim em si mesma.

O contraste entre profissionalismo e amadorismo, não é difícil perceber, prossegue até a atualidade. A memória construída de que o esporte amador é mais esporte é constantemente reiterada nos mais diversos lugares, sendo que, no caso do futebol, a várzea é um de seus pontos de referência mais constantes. Um exemplo dessa noção romântica da várzea pode ser encontrado num texto de 1982 do historiador José Sebastião Witter, de título “A várzea não morreu”. Segundo o autor, a várzea é mais do que a prática do futebol amador ou do que o local onde se joga futebol: a várzea é um “estado de espírito”, e por isso sobreviverá durante muito tempo, mesmo que existam muitos obstáculos à sua existência. Tudo isso porque o clube de várzea representa mais do que um clube de futebol, ele é “um território livre onde o lema maior é a união de homens e o exercício da comunicação através da AMIZADE”.⁶²

No caso do Sampaio Moreira, a aproximação do clube com o bairro, tratada no capítulo anterior, contribuía para que uma visão desse tipo se fortalecesse cada vez mais. Nas notícias encontradas no livro de recordações vê-se que a memória do clube é sempre construída paralelamente à memória do seu lugar. Com referências sempre ligadas ao bairro ou a algo que o caracterizasse, chamado de *Campeão do Tatuapé* ou *Phantasma da 5ª Parada* (em alusão à parada do trem, que passava próximo à sede), os apelidos dados ao clube contribuía cada vez mais para que ele e o bairro se misturassem, que cada vez mais o clube fosse entendido como um símbolo do Tatuapé e fizesse parte dele quase que naturalmente. Toda essa ligação ajuda a fortalecer a noção de que o clube só pratica o futebol pelo esporte e que existe para além do futebol, existe também para contribuir com a região e com a população que ali estava.

62 WITTER, J. S. A várzea não morreu. In: _____; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; (ORG). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. p. 103.

O E. C. Sampaio Moreira, pelo que pode ser observado pela documentação disponível, também contribuía para a manutenção de um mítico romantismo do futebol de várzea. O clube, apesar de manter boas relações com o futebol profissional, como também já analisado no capítulo anterior, mantinha para si a ideia, de que o esporte deveria ser praticado por amor ao próprio esporte, e não pelos ganhos financeiros que traria. Mais do que isso, propagava tal ideário para os outros clubes da várzea, como demonstram algumas cartas trocadas nesse circuito. Uma dessas cartas enviada pelo Sampaio Moreira ao E. C. Rio Verde em 1946, traz claramente a questão da prática esportiva por si mesma. Trata-se de um agradecimento pela partida disputada pelos dois clubes, dedicado à “[...] diretoria e aos disciplinados quadros desse clube, pela disputa justíssima ocorrida no último domingo. A prática do esporte pelo esporte pode ser observada nessas disputas. O futebol é o verdadeiro campeão nesses momentos”⁶³. A concepção de que o futebol é quem realmente ganha com isso reforça a consciência adquirida de que a várzea é a resistência do futebol, o que se opunha – e ainda se opõe – ao futebol profissional, tido como oficial.

Além da romantização sobre a resistência da várzea, o que também se faz bastante presente no livro de recordações é a imagem que o Sampaio Moreira busca construir para si mesmo. O livro em si mesmo, em sua “arquitetura”, é a própria materialização desse esforço, construído, ao que tudo indica, ao longo de décadas. O sentido que se pode observar nos diversos recortes é o da catalogação de matérias cuja sequência, em que as notícias das vitórias se sobressaem às poucas dedicadas a derrotas, e cria a imagem de um grande campeão da várzea. Além de o foco maior ser nas vitórias, as manchetes dos jornais sempre trazem o Sampaio Moreira como um grande campeão, sempre como “o invicto do Tatuapé”. Uma manchete diz: “O Esporte Clube Sampaio Moreira sagrou-se Campeão do Tatuapé”⁶⁴, em referência à conquista da Liga de Esportes do Tatuapé.

Como o Sampaio Moreira não perdeu uma série de jogos após sagrar-se campeão dessa liga, isso contribuiu para que se construísse uma reputação que ia além do momento. Nos jornais, a expressão “campeão invicto do Tatuapé” passou a definir o clube com naturalidade, como se o título sempre tivesse sido do clube e como se dele fosse ser para

63 CARTA enviada ao E.C. Rio Verde pelo E.C. Sampaio Moreira. São Paulo, 1946.

64 S/a. O Esporte Clube Sampaio Moreira sagrou-se Campeão do Tatuapé. São Paulo, s/d.

sempre. Por exemplo: “O Campeão do Tatuapé Venceu! O E. C. Sampaio Moreira fulminou o E. C. Santa Rosa pelo alto escore de 5 x 0”, traz uma manchete sem referência de data e procedência. Ou então: “É Hoje! O E. C. Sampaio Moreira frente ao São José do Maranhão – Cairá o invicto do Tatuapé?”⁶⁵ traz uma das manchetes referentes a esse jogo. Outra notícia sobre o mesmo jogo, mas de um jornal diferente, traz a seguinte manchete: “Cairá o invicto do Campeão do Tatuapé? O Esporte Clube Sampaio Moreira confia no triunfo sobre a Associação Atlética São José do Maranhão”⁶⁶.

Os panfletos dos festivais e jogos amistosos dos clubes de várzea também são uma recorrência no livro de recordações. Em todos esses panfletos o E. C. Sampaio Moreira aparece como o disputante dos jogos principais (geralmente o último jogo de uma série, acontecidos em um dia ou em um final de semana), mesmo nos eventos que não promovia. Um dos folhetos apresenta um festival organizado pelo E. C. Rio Verde em 1949, uma disputa em homenagem ao aniversário do clube da qual seis agremiações participariam e o jogo principal seria disputado entre o homenageado e o Sampaio Moreira. Tamanho destaque, pode-se deduzir, indica que o Sampaio detinha então uma importância elevada e um grande reconhecimento dentro do futebol varzeano, –intensificando sua imagem de vencedor.

A memória de campeão construída pelos recortes, assim, é bastante forte e repetitiva. Uma das intenções que se pode, aqui, atribuir a tal esforço é a de sagrar-se e ser reconhecido como um vencedor do “verdadeiro futebol”. Mas, em primeiro lugar, mais do que convencer o outro, era preciso garantir que essa imagem fosse sempre lembrada pelo próprio clube. É o sentido da imagem de si, para si e para os outros, conforme apresentada por Michael Pollack:

(...) a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.⁶⁷

65 S/a. É Hoje. *O dia*. São Paulo, 1947.

66 S/a. Cairá o invicto do Campeão do Tatuapé? (sem procedência). São Paulo, 1947.

67 POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. IN: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro: 1992. p. 5

Nesse sentido, pode-se supor que a imagem que o Sampaio Moreira precisava mostrar, principalmente para si, era a do time consagrado campeão do Tatuapé. A necessidade da repetição desse aspecto era para que essa identidade de vencedor não caísse no esquecimento, mas se mantivesse entre aqueles que se reconheciam dentro desse coletivo.

A maioria das notícias do livro de recordações é do jornal *O Dia*. Em algumas notícias, aparece que este era o jornal que fazia a cobertura oficial do Sampaio Moreira. Em uma nota sobre a nova diretoria do clube, datada de maio de 1934, coloca-se o seguinte: “A directoria acima tem em mente grandes realizações para maior progresso do clube, continua tendo 'O Dia' como seu orgam official, o que agradecemos.”⁶⁸ O fato de *O Dia* ser o órgão oficial de cobertura do Sampaio poderia, desta forma, ter contribuído para a construção da memória de campeão através da imprensa esportiva impressa que se formava no período.

No entanto, ao recorrer a outras fontes, como *A Gazeta Esportiva*, jornal de grande circulação no período e que colocava o futebol de várzea sempre em pauta, nada relevante foi encontrado sobre o E. C. Sampaio Moreira no mesmo período coberto pelo livro de recordações,⁶⁹ permitindo questionar até que ponto a autoimagem do clube condizia com a realidade em que se inseria. Porém, mesmo com esse questionamento, o que interessa aqui é notar que, como diz Ecléa Bosi, “com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está ‘no que foi lembrado’, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”.⁷⁰ Em outras palavras, aquilo que foi recordado é o que construiu a memória do clube por si e para si, o constante reforço em recordar o clube como um grande vencedor é a memória que fica para o clube, independente do que condiza com a realidade do clube e da visão do outro.

68 S/a. Nova diretoria. **O Dia**, São Paulo, 04 de maio, 1934. s/p.

69 As referências d'A *Gazeta Esportiva* são bastante raras. O único momento em que o E. C. Sampaio Moreira teve bastante relevância dentro do jornal diz respeito ao título do IV Centenário, em 1954.

70 BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 37. Apud: SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 7-8.

Outro aspecto que pode ser observado no livro de recordações é a importância do clube no bairro e para o bairro, para a comunidade que está no entorno do clube e que dele participa. Os investimentos que o clube fez para os sócios – escolas, festas – e as reivindicações que o clube fez perante a prefeitura, além da busca de fundos para amparar as necessidades do bairro, permitem observar que o clube ia muito além do futebol.

O futebol era um meio de aproximar o clube da comunidade que o envolvia, mas não era o fim único do clube. O futebol não existia por si e em si mesmo. Ajudava a manter o clube em exercício, mas o clube envolvia muito mais do que futebol, e as questões da comunidade, por vezes, foram mais importantes do que as questões futebolísticas. Como visto no capítulo anterior, as relações com o bairro eram bastante fortes e guiavam a existência do Sampaio Moreira.

Os elos mantidos entre o clube e a comunidade, observados através da documentação contida no livro de memórias, também contribuíram com a construção da memória do E.C. Sampaio Moreira. A presença que o Sampaio tinha dentro da região permitia que o clube se reconhecesse no bairro e que o bairro se reconhecesse no clube, colaborando também para reforçar a ideia de que o clube era o campeão do Tatuapé. Ser campeão, nesse aspecto, mesmo que esse sentimento não fosse claro – talvez mais interno –, significava que o clube agia em prol da região e tomava para si parte do trabalho que deveria ser realizado pela prefeitura.

As notícias que fazem referência às diversas intervenções feitas pelo clube, trazem ao leitor a impressão de uma preocupação que ia muito além dos resultados dos jogos, da paixão e do apelo que o futebol tinha dentro e fora do clube, mas uma preocupação bastante humanizada, preocupada com aquele que constituía o clube: o associado, o frequentador, o torcedor ou o morador da região. Essa busca constante de melhorias para a comunidade entorno do clube, fazia desse um espaço no qual a responsabilidade com o outro, que muitas vezes estava além do clube, se tornasse mais ampla do que a responsabilidade com futebol por si mesmo. A prática esportiva se alinhava a prática social, e o que se pode supor, é que ambas tinham a mesma importância.

O livro de “Recordações do E. C. Sampaio Moreira” não está aberto aos visitantes ou aos sócios do clube, não existe uma divulgação sobre a sua existência, nem uma preocupação muito grande com a sua manutenção; ao contrário, ele está guardado no fundo de uma gaveta, à qual apenas o secretário e o presidente têm acesso. Em suma, não há

interesse em colocá-lo à exposição ou à vista daqueles que frequentam o clube. A função desse livro, fazendo uma analogia mais clara, é a mesma de um álbum de fotografias: guardar bons momentos para que esses possam ser lembrados sempre que haja um motivo ou interesse. Ele não é consultado não porque guarda algum segredo, mas sim porque as memórias que estão ali são mais para si do que para o outro.

A suposta intenção da criação desse livro de recordações, presume-se, era para que essas estivessem sempre presentes na identidade do clube, para que interna e coletivamente o E. C. Sampaio Moreira permanecesse como um grande campeão dessa várzea resistente. Entretanto, o sentido que possui hoje é diferente dessa intenção inicial, uma vez que, como diz Ulpiano T. Bezerra de Menezes:

O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc, desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos. No entanto, imerso na nossa contemporaneidade, (...) o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. (...) todo eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo, o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legítima. Longe, pois, de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma ordem tradicional, é do presente que ele tira sua existência.⁷¹

As recordações contidas nesse “objeto antigo” do Sampaio Moreira não funcionam mais para manter essa identidade de clube campeão, já que agora quase não disputa mais o futebol de campo. Servem, no entanto, para lembrar um tempo em que foi o grande campeão da várzea paulistana ou, ao menos, tatuapeense. A memória de campeão no presente funciona, portanto, como uma nostalgia daquilo que o clube foi, mas não é mais. O que se pode observar na atualidade é que essa imagem de grande vencedor não está mais presente entre os que ali frequentam, mas apenas por aqueles que estão no clube há mais tempo. A memória de um passado glorioso ajuda a sustentar o que o clube é, mesmo que essa imagem seja voltada para si e não para o outro, convencer-se das conquistas do

71 MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. IN: *Revista do Instituto Estudos Brasileiros*, 34:9-24, São Paulo:1992. p. 12.

clube permite a construção de uma imagem feita pelo coletivo do clube, para mostrar-se ao outro, mesmo que esse não seja o fim.

No livro não existe uma ordem cronológica clara, poucas são as datas e as fontes anotadas. Muitas vezes elas se invertem, com notícias da década de 1930 coladas após as da década de 1940. Não há como precisar a data em que foi montado nem como o foi, se construído aos poucos ou de uma vez, encadernando uma série de notícias colhidas ao longo dos anos. Mas, aqui, deve-se deter a irrelevância de uma cronologia das notícias dentro do livro. A memória do clube campeão nesses anos se dissolve no tempo, permitindo que o leitor adquira a impressão de que o clube foi realmente o grande campeão do Tatuapé *desde sempre*, sem espaço para outros clubes que, em outras fontes, aparecem com maior expressão. A dissolução do tempo no livro contribui para a manutenção dessa imagem: quando não há a necessidade de se marcar o tempo, a imagem do triunfo do clube permanece e é endossada ao longo dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da prática do futebol em São Paulo foi caracterizado por uma série de turbulências, que o marcaram e contribuíram para o modo como foi se desenhando pela cidade. A expansão da metrópole cafeeira, a vinda dos imigrantes e a conseqüente vivência com as mais diferenciadas experiências de vida, o crescimento da indústria colaboraram para que ele despontasse e se mantivesse dentro da cidade.

Durante as primeiras décadas do século XX, o futebol foi marcado por uma série de tensões, sendo a tentativa da manutenção de um *football* rico e branco a mais forte delas e a causadora de todas as outras. Nos pés da elite paulistana, no início do século o futebol não era permitido às classes populares, e as tentativas de que o esporte se mantivesse assim foram várias.

No entanto, o esporte possuía um forte apelo popular, e a simplicidade de suas regras e dos materiais para o jogo admitiam que fosse praticado em qualquer lugar, sem a necessidade de muita ostentação. Um dos locais escolhidos para essa prática, por propícios que eram, foram as várzeas dos rios, que vieram a dar o nome utilizado até hoje para o futebol amador. Sem uso, esses eram locais ideais para constituírem-se em campos de futebol de uso popular.

A partir da década de 1920, as tensões se acirraram e o que foi posto em pauta foi além da popularização já existente: o profissionalismo se tornou uma questão-chave do futebol. As disputas em torno da questão geraram uma série de discussões sobre o “verdadeiro” esporte e a necessidade de tornar profissional o jogador de futebol. Os defensores do amadorismo, formados principalmente pela elite branca, queriam garantir que não se lucrasse com o esporte e que esse fosse praticado apenas por aqueles que tivessem tempo livre o suficiente. Não era o caso do trabalhador. Após anos de desentendimentos e de um profissionalismo não reconhecido, em 1933 se oficializa a profissionalização do futebol em São Paulo.

Em 1929, em meio a todos esses movimentos, é fundado o E.C. Sampaio Moreira. Um clube da várzea paulistana que mantinha, e mantém, fortes ligações com o bairro no qual está inserido, o Tatuapé, na Zona Leste da cidade. Funcionando, principalmente, como um meio de sociabilidade dentro do bairro, o clube permita uma grande interação entre os moradores da região. As relações entre moradores, jogadores, torcedores e

diretoria se tornavam cada vez mais próximas e esses se misturavam, passando entre essas categorias.

Além disso, o clube mantinha boas relações com o futebol profissional. A troca de favores era comum entre o Sampaio Moreira e o Corinthians, por exemplo, o que contribuía para que o time tivesse uma projeção maior. Mas, essa relação, ao contrário do que se havia pensado no início desta pesquisa, não interferia na existência do clube. Não era um problema conviver com o futebol profissional sendo um time de várzea. Através da documentação se observou que o futebol de várzea não competia pela sobrevivência com o futebol profissional.

O livro de “Recordações do E.C. Sampaio Moreira”, que foi a principal fonte desta pesquisa, ajudou a reconstruir a memória do time e, em parte, a ter uma noção da várzea em geral no período que vai de 1930 até 1954. As notícias encontradas dentro desse livro permitiram observar relações entre o bairro, entre o profissionalismo e entre os outros clubes que faziam parte da várzea.

Todas essas relações e a principal delas, a do Sampaio Moreira com o bairro, com as pessoas que faziam parte do clube e os compromissos firmados com essa comunidade – as buscas por melhores condições no bairro, a escola que foi fundada para os sócios, as festas beneficentes –, permitiram responder à pergunta inicial deste trabalho: a várzea paulistana sai de campo? Sim, a várzea paulistana sai de campo e se expande para o bairro, para a comunidade. Ela estava além das quatro linhas do campo de futebol: o esporte funcionava como um meio de alimentar todas essas relações, mas não como um fim para o clube.

A pesquisa possibilitou a observação de que dentro da várzea o clube possuía, e ainda possui, essa proximidade maior com a comunidade, até mesmo ao ponto de, em alguns momentos, não conseguir separar o que era o clube e o que era a comunidade. Por outro lado, como diz Diana Mendes Machado da Silva:

Pesquisar a produção cultural envolvendo o futebol na São Paulo daquela época, entretanto, não é tarefa fácil, principalmente se a porta de entrada for o futebol

não oficial, caso de nosso objeto de pesquisa: um clube de futebol de várzea. Ainda assim, a empreitada se mostra cada vez mais necessária.⁷²

Esse ainda é um campo de estudos pouco explorado, e que tem muito a mostrar para a compreensão sobre o futebol em si, sobre as relações que esse mantém e também sobre a cidade como um todo. Muitas são as possibilidades dentro do futebol não oficial, as organizações que ainda existem, os clubes – como o Sampaio Moreira – que mantiveram parte de sua documentação e contribuem para a análise desses aspectos que envolvem a várzea dentro da cidade de São Paulo.

72 SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p.153.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora: 2002.
- BERTUOL, Mayara Karoline; CALÇADO, Danilo. *A profissionalização do futebol*. São Paulo, 2010.
- BROTTO, Erik Orsatti. *Esporte do Povo? O controle da elite no futebol em São Paulo entre 1910 e 1919*. Monografia de conclusão de curso. UNIFESP, São Paulo: 2013.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)*. São Paulo, Ibrasa: 1990.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Edição – Rio de Janeiro, Mauad: 2003
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre, L&PM: 2010.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *São Paulo: a cidade e o futebol*. Buenos Aires: 2001.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia*, São Paulo: 2002.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. *Tempo e memória: a construção social do passado na história*. s/l, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (ORG). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial: 1982.

MELO, Victor Andrade & DEL PRIORE, Mary (orgs.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A história, cativa da Memória?* Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. IN: Revista Instituto Estudos Brasileiros, 34:9-24, São Paulo: 1992.

NETO, José Moraes dos S. *Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo, Cosac & Naify: 2002.

NORA, Pierre. *Entre memória e história – A problemática dos lugares*. IN: Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: 1981.

PEREIRA, Leonardo Afonso de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2000.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. IN: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro: 1992.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954*. São Paulo, v. 3, p. 387-435, Paz e Terra: 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das letras: 1992.

SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1939)*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *“Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória*. IN: Revista Brasileira de História, v. 22, nº 44, São Paulo, 2002.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.